

O SUCESSO MUNDIAL YOUNG ADULT  
**TAHEREH MAFI**



# **INACREDITÁVEL**

LIVRO 6.5

**SECRET  
SOCIETY**

SECRET SOCIETY

TRIGGER WARNINGS

Luto e perda

Morte

Negligência

Trauma

Violência

# UM

**A** parede é invulgarmente branca.

Mais branca do que o habitual. A maioria das pessoas pensa que as paredes brancas são verdadeiramente brancas, mas a verdade é que apenas parecem brancas e não o são de facto. A maior parte dos tons de branco são misturados com um pouco de amarelo, o que ajuda a suavizar as arestas duras de um branco puro, tornando-o mais parecido com um cru ou marfim. Vários tons de creme. Até mesmo a clara de ovo. O branco verdadeiro é praticamente intolerável como cor, tão branco que é quase azul.

Esta parede, em particular, não é tão branca que chegue a ser ofensiva, mas é suficientemente branca para despertar a minha curiosidade, o que é nada menos que um milagre, porque estou a olhar para ela há mais de uma hora. Há trinta e sete minutos, para ser exato.

Estou a ser refém do costume. Da formalidade.

— Mais cinco minutos — diz ela. — Prometo.

Ouço o roçar do tecido. Fechos de correr. Um tremor...

— Isso é tule?



— Não é suposto estares a ouvir!

— Sabes, amor, ocorre-me agora que já vivi situações enquanto refém muito menos torturantes do que esta.

— Okay, okay, já o tirei. Está guardado. Só preciso de um segundo para vestir o meu...

— Não será necessário — digo, virando-me — De certeza que posso assistir a esta parte.

Encosto-me à parede invulgamente branca, observando-a, enquanto ela franze o sobrolho para mim, com os lábios ainda entreabertos à volta da forma de uma palavra que parece ter esquecido.

— Por favor, continua — digo, fazendo um gesto com a cabeça.

— O que quer que estivesses a fazer.

Ela mantém o sobrolho franzido por um momento mais longo do que honesto, semicerrando os olhos numa demonstração de frustração que é pura fraude. Para completar esta farsa, agarra uma peça de roupa contra o peito, fingindo modéstia.

Não me importo, nem um bocadinho.

Absorvo-a, as suas curvas suaves, a pele macia. O seu cabelo é lindo em qualquer comprimento, mas ultimamente tem estado mais comprido. Longo e rico, sedoso contra a sua pele, e quando tenho sorte — contra a minha.

Lentamente, deixa cair a camisola.

De repente, endireito-me.

— É suposto usar isto por baixo do vestido — diz ela, a sua raiva falsa já esquecida. Ela mexe no espartilho cor de creme, demorando os dedos distraidamente ao longo do cinto de ligas, das meias de renda. Não consegue olhar-me nos olhos. Ficou subitamente tímida e desta vez é a sério.

*Gostas?*

É a pergunta não dita.

Achei, quando ela me convidou para este camarim, que seria por razões que iam para lá de eu olhar para as variações de cor numa



parede invulgamente branca. Achei que ela me queria aqui para ver alguma coisa.

Para a ver.

Vejo agora que tinha razão.

— És tão bonita — digo, incapaz de deixar transparecer a admiração na minha voz. Eu ouço-o, o espanto infantil no meu tom, e isso envergonha-me mais do que devia. Eu sei que não devia ter vergonha de sentir profundamente. De ficar comovido.

Ainda assim, sinto-me estranho.

Jovem.

Em silêncio, ela diz:

— Sinto que estraguei a surpresa. Não devias ver nada disto até à noite de núpcias.

O meu coração para por um momento.

*A noite de núpcias.*

Ela diminui a distância entre nós e enlaça os braços à minha volta, libertando-me da minha paralisia momentânea. O meu coração bate mais depressa com ela aqui, tão perto. E, apesar de não saber como é que ela sabia que eu precisava de repente da segurança do seu toque, estou-lhe agradecido. Expiro, puxando-a completamente contra mim, os nossos corpos relaxam, lembrando-se um do outro.

Encosto o rosto ao seu cabelo, respiro o doce aroma do seu champô, da sua pele. Só se passaram duas semanas. Duas semanas desde o fim de um velho mundo. O começo de um novo.

Ela ainda me parece um sonho.

— Isto está mesmo a acontecer? — sussurro.

Uma batida forte na porta faz-me estremecer. A Ella franze a testa com o som.

— Sim?

— Desculpe incomodá-la agora, mas está aqui um senhor que deseja falar com o Sr. Warner.

Eu e a Ella olhamo-nos nos olhos.

— Okay — começa ela, rapidamente. — Não fiques zangado.

— Porque haveria de ficar zangado?

A Ella afasta-se para me olhar melhor nos olhos. Os seus próprios olhos são brilhantes, bonitos. Cheios de preocupação.

— É o Kenji.

Contento um pico de raiva tão violento que acho que vou ter um ataque. Deixa-me com a cabeça leve.

— O que está ele a fazer aqui? — Consigo dizer. — Como é que ele sabia onde nos encontrar?

Ela morde o lábio.

— Trouxemos o Amir e o Olivier connosco.

— Estou a ver. — Trouxemos segurança extra, o que significa que a nossa localização foi publicada no boletim de segurança pública. Claro que sim.

A Ella acena com a cabeça.

— Ele encontrou-me mesmo antes de sairmos. Estava preocupado... queria saber porque estávamos a voltar para as antigas terras regulamentadas.

Tento dizer alguma coisa, para me maravilhar com a incapacidade do Kenji para fazer uma simples dedução, apesar da abundância de pistas contextuais diante dos seus olhos, mas ela ergue um dedo.

— Eu disse-lhe — continua ela —, que estávamos à procura de roupas de substituição e lembrei-o de que, por enquanto, os centros de abastecimento são os únicos sítios onde se pode comprar comida ou roupa ou — ela acena com a mão, franzindo o sobrolho —, qualquer coisa. De qualquer forma, ele disse que nos iria encontrar aqui. E que queria ajudar.

Arregalo ligeiramente os olhos. Quase sinto outro ataque.

— Ele disse que queria *ajudar*.

Ela acena com a cabeça.

— Espantoso. — Sinto um músculo estalar no meu maxilar.

— E engraçado, também, porque ele já ajudou tanto... ontem à

noite ajudou-nos bastante ao destruir o meu fato e o teu vestido, obrigando-nos a comprar roupa de uma... — olho em volta, gestículo para nada — *loja*, no próprio dia em que devemos casar.

— Aaron — sussurra ela. Aproxima-se de novo. Coloca uma mão no meu peito. — Ele sente-se muito mal com isso.

— E tu? — digo, observando-lhe o rosto, os seus sentimentos.

— *Tu* não te sentes mal com isto? A Alia e o Winston trabalharam para te fazer algo bonito, concebido especialmente para ti...

— Não me importo. — Ela encolhe os ombros. — É só um vestido.

— Mas era o teu vestido de noiva — relembro, com a voz a falhar-me, praticamente a quebrar-se com a palavra.

Ela suspira e no som ouço o seu coração partir-se, mais por mim do que por ela própria. Ela vira-se e abre o fecho do saco de roupa enorme pendurado num gancho por cima da cabeça.

— Não devias ver isto — diz ela, tirando metros de tule do saco —, mas acho que pode significar mais para ti do que para mim, por isso... — ela vira-se para trás, sorri —, vou deixar-te ajudar-me a decidir o que vestir esta noite.

Quase gemo alto ao lembrar-me disso.

Um casamento noturno. Quem é que se casa à noite? Só os infelizes. Os desafortunados. Embora pense que agora estamos entre eles.

Em vez de remarcarmos tudo, atrasámo-lo umas horas para termos tempo de comprar roupa nova. Bem, eu tenho roupa. As minhas roupas não importam tanto.

Mas o vestido dela. Ele destruiu o vestido dela na noite anterior ao nosso casamento. Como um monstro.

Vou matá-lo.

— Não o podes matar — diz ela, ainda a tirar punhados de tecido do saco.

— Tenho a certeza de que não disse tal coisa em voz alta.

— Não — diz ela —, mas estavas a pensar nisso, não estavas?

— Com todo o coração.

— Não o podes matar — repete ela, simplesmente. — Não agora.

Nem nunca.

Suspiro.

Ela continua a lutar para desenterrar o vestido.

— Perdoa-me, amor, mas se tudo isto — aceno para o saco de roupa, para a explosão de tule —, é para um único vestido, receio que já saiba o que sinto por ele.

Ela para de puxar. Vira-se, com os olhos arregalados.

— Não gostas? Ainda nem sequer o viste.

— Já vi o suficiente para saber que o que quer que isto seja, não é um vestido. É uma camada aleatória de poliéster. — Inclino-me à volta dela, apertando o tecido entre os dedos. — Não têm tule de seda nesta loja? Talvez possamos falar com a costureira...

— Aqui não há nenhuma costureira.

— Isto é uma loja de roupa — digo. Viro o corpete do avesso, franzindo o sobrolho para os pontos. — De certeza que deve haver uma costureira. Não é uma muito boa, claro, mas...

— Estes vestidos são feitos numa fábrica — diz-me ela. — A maior parte é feita à máquina.

Endireito-me.

— Sabes, a maioria das pessoas não cresceu com alfaiates privados à sua disposição — diz ela, com um sorriso nos lábios.

— O resto de nós tem de comprar roupa da prateleira. Pré-fabricadas. Mal ajustadas.

— Sim — respondo, com rigidez. Sinto-me subitamente estúpido. — Claro que sim. Perdoa-me. O vestido é muito bonito. Talvez devesses esperar que o experimentasses. Dei a minha opinião demasiado depressa.

Por alguma razão, a minha reação só piora as coisas.

Ela gême, lançando-me um único olhar derrotado antes de se dobrar na cadeira de camarim.



O meu coração despenha-se.  
 Ela deixa cair o rosto nas mãos.  
 — É mesmo um desastre, não é?  
 Outra batida rápida na porta.  
 — Senhor? O cavalheiro parece muito ansioso por...  
 — Ele não é de certeza um cavalheiro — digo-lhe, bruscamente.  
 — Diga-lhe para esperar.  
 Um momento de hesitação. Depois, calmamente:  
 — Sim, senhor.  
 — Aaron.

Não preciso de olhar para cima para saber que ela está descontente com a minha falta de educação. Os donos deste centro de abastecimento em particular fecharam a loja toda para nós e têm sido extremamente simpáticos. Eu sei que estou a ser mal-educado. De momento, parece que não consigo evitar.

— Aaron.  
 — Hoje é o dia do teu casamento — digo, sem conseguir olhar para ela. — Ele arruinou o dia do teu casamento. O dia do nosso casamento.

Ela levanta-se. Sinto a frustração dela a começar a desvanecer-se. A transformar-se. Sinto-a a atravessar tristeza, felicidade, esperança, medo e por fim...

Resignação.  
 Um dos piores sentimentos possíveis num dia que devia ser de alegria. A resignação é pior do que a frustração. Muito pior.

A minha raiva calcifica-se.  
 — Ele não estragou tudo — diz ela, por fim. — Ainda podemos fazer com que isto resulte.  
 — Tens razão — responde, puxando-a para os meus braços. — Claro que tens razão. Não importa, a sério. Nada disso importa.  
 — Mas é o dia do meu casamento — diz ela. — E eu não tenho nada para vestir.



— Tens razão. — Beijo-lhe o topo da cabeça. — Eu vou matá-lo.  
Uma batida súbita na porta.

Enrijeço-me. Giro nos calcanhares.

— Ei, malta? — Mais pancadas. — Eu sei que estão muito chateados comigo, mas tenho boas notícias, juro. Vou resolver isto. Vou compensar-vos.

Estou prestes a responder quando a Ella me puxa pela mão, silenciando a minha resposta mordaz com um único movimento. Ela lança-me um olhar que diz...

*Dá-lhe uma oportunidade.*

Suspiro enquanto a raiva se instala no meu corpo, baixo os ombros com o peso da mesma. Relutantemente, afasto-me para a deixar lidar com este idiota da forma que ela preferir.

Afinal de contas, é o dia do casamento dela.

A Ella aproxima-se da porta. Aponta, tocando com o dedo na tinta invulgarmente branca, enquanto fala.

— É bom que valha a pena, Kenji, ou o Warner vai matar-te e eu hei de o ajudar.

E depois, sem mais nem menos...

Estou a sorrir, outra vez.

# DOIS

Somos levados de volta para o Santuário da mesma forma que somos levados para todo o lado atualmente — num SUV preto, todo-o-terreno e à prova de bala — mas o carro e os seus vidros fortemente fumados só nos tornam mais visíveis, o que eu acho preocupante. Mas, como o Castle gosta de salientar, não há nenhuma solução imediata para o problema, pelo que continuamos num impasse.

Tento esconder a minha reação quando passamos de carro pela área arborizada mesmo à saída do Santuário, mas não consigo evitar fazer uma careta, ou a forma como o meu corpo se enrijece, preparando-se para uma luta. Após a queda do Restabelecimento, a maioria dos grupos rebeldes saiu do esconderijo para se juntar ao mundo.

Mas nós não.

Na semana passada, abrimos este caminho de terra para passarmos com o SUV, permitindo-nos aproximar o mais possível da entrada não assinalada, mas não sei se ajuda muito. Uma multidão de pessoas já se aglomerou de tal forma à nossa volta que não nos movemos mais do que um centímetro de cada vez. A maior parte delas é bem-intencionada, mas gritam e batem no carro com



o entusiasmo de uma multidão beligerante e, de cada vez que suportamos este circo, tenho de me forçar fisicamente a manter a calma. Sentar-me calmamente no meu lugar e ignorar o impulso de tirar a arma do coldre por baixo do casaco.

É difícil.

Sei que a Ella se sabe proteger — já o provou milhares de vezes — mas, mesmo assim, não consigo evitar preocupar-me. Ela tornou-se famosa a um nível quase aterrador. Até certo ponto, todos nós nos tornámos. Mas a Juliette Ferrars, como é conhecida em todo o mundo, não pode ir a lado nenhum ou fazer nada sem atrair uma multidão.

Dizem que a amam.

Mesmo assim, mantemo-nos cautelosos. Ainda há muitas pessoas por todo o mundo que iriam adorar trazer de volta à vida os restos emaciados do Restabelecimento, e assassinar uma heroína amada seria o começo mais eficaz para tal esquema. Apesar de termos níveis de privacidade sem precedentes no Santuário, onde as proteções visuais e sonoras da Nouria à volta do terreno nos concedem liberdades de que não desfrutamos em mais lado nenhum, não conseguimos esconder a nossa localização precisa. As pessoas sabem, em geral, onde nos encontrar, e essa informação tem-nas alimentado durante semanas. Os civis esperam aqui — milhares e milhares deles — todos os dias.

Para não mais do que um vislumbre.

Tivemos de colocar barricadas no local. Tivemos de contratar segurança extra, recrutando soldados armados dos setores locais. Esta zona está irreconhecível em relação ao que era há um mês. Já é um mundo diferente. E eu sinto o meu corpo ficar sólido à medida que nos aproximamos da entrada. Já estamos quase lá.

Olho para cima, pronto a dizer qualquer coisa...

— Não te preocipes. — O Kenji olha para mim. — A Nouria reforçou a segurança. Deve haver uma equipa de pessoas à nossa espera.

— Não sei porque tudo isto é necessário — diz a Ella, ainda a olhar pela janela. — Porque não posso parar por um minuto e falar com eles?

— Porque da última vez que fizeste isso quase foste espezinhada — diz o Kenji, exasperado.

— Foi só uma vez.

O Kenji arregala os olhos de indignação e, neste ponto, eu e ele estamos completamente de acordo. Eu sento-me e observo enquanto ele conta pelos dedos.

— No mesmo dia em que quase foste espezinhada, alguém tentou cortar-te o cabelo. Noutro dia, um grupo de pessoas tentou beijar-te. As pessoas atiram-te literalmente os seus bebés recém-nascidos. Além disso, já contei seis pessoas que fizeram chichi nas calças na tua presença, o que, devo acrescentar, não só é perturbador, como pouco higiénico, especialmente quando tentam abraçar-te enquanto ainda estão molhados. — Ele abana a cabeça. — As multidões são demasiado grandes, princesa. Demasiado fortes. Demasiado apaixonadas. Todos te gritam na cara, lutam para te pôr as mãos em cima. E metade das vezes não te conseguimos proteger.

— Mas...

— Sei que a maior parte destas pessoas tem boas intenções — interrompo-a, pegando-lhe na mão. Ela vira-se na cadeira e olha-me nos olhos. — São, na sua maioria, amáveis. Curiosas. Cheias de gratidão e desesperadas por dar um rosto à sua liberdade. Eu sei disso — continuo —, porque estou sempre a verificar as multidões, a procurar na sua energia por raiva ou violência. E embora a grande maioria seja boa — suspiro, abanando a cabeça —, querida, acabaste de fazer muitos inimigos. Estas multidões maciças e sem filtros não são seguras. Ainda não. Talvez nunca venham a ser.

Ela respira fundo e solta-o lentamente.

— Eu sei que tens razão — diz ela, calmamente. — Mas, de alguma forma, parece-me errado não poder falar com as pessoas por

quem temos lutado. Quero que elas saibam como me sinto. Quero que saibam o quanto nos preocupamos e o quanto ainda estamos a planear fazer para reconstruir tudo, para fazer as coisas bem.

— E vais conseguir dizer isso tudo — respondeo. — Vou certificar-me de que tens a oportunidade de dizer todas essas coisas. Mas só se passaram duas semanas, amor. E neste momento não temos as infraestruturas necessárias para que isso aconteça.

— Mas estamos a trabalhar nisso, certo?

— Estamos a trabalhar nisso — confirma o Kenji. — O que, na verdade... não que eu esteja a inventar desculpas ou algo do género, mas se não me tivessem pedido para dar prioridade ao comité de reconstrução, eu provavelmente não teria dado ordens para deitar abaixo uma série de edifícios inseguros, um dos quais incluía o estúdio do Winston e da Alia, que — ele levanta as mãos —, para que conste, eu não sabia que era o estúdio deles. E, mais uma vez, não que eu esteja a desculpar o meu comportamento repreensível, mas como é que eu ia saber que era um estúdio de arte? Estava oficialmente listado nos livros como inseguro, marcado para demolição...

— Eles não sabiam que estava marcado para ser demolido — diz a Ella, com alguma impaciência na voz. — Transformaram-no no seu estúdio precisamente porque ninguém o estava a usar.

— Sim — diz o Kenji, apontando para ela. — Sim. Mas eu não sabia disso.

— O Winston e a Alia são teus amigos — digo, de forma indelicada. — Não é da tua conta saberes coisas dessas?

— Ouve, mano, têm sido duas semanas muito agitadas desde que o mundo se desmoronou, está bem? Tenho andado ocupado.

— Temos andado todos ocupados.

— Okay, já chega — diz a Ella, levantando uma mão. Ela está a olhar pela janela, fonzindo o sobrolho. — Alguém está a chegar.

*Kent.*

— O que está o Adam a fazer aqui? — pergunta a Ella. Depois, vira-se para trás para olhar para o Kenji. — Sabias que ele vinha?

Se o Kenji responde, eu não o ouço. Estou a olhar para a cena lá fora através dos vidros fumados, vendo o Adam a abrir caminho por entre a multidão em direção ao carro. Parece estar desarmado. Ele grita qualquer coisa para o mar de gente, mas eles não se acalmam de imediato. Mais algumas tentativas e eles acalmam-se. Milhares de rostos viram-se para o olhar.

Tenho dificuldade em perceber as suas palavras.

E depois, lentamente, afasta-se enquanto dez homens e mulheres fortemente armados se aproximam do nosso carro. Os seus corpos formam uma barricada entre o veículo e a entrada do Santuário, e o Kenji sai primeiro do carro, invisível e liderando o caminho. Ele projeta o seu poder para proteger a Ella, e eu roubo-o para mim. Os três — com os nossos corpos invisíveis — movemo-nos cautelosamente em direção à entrada.

Só depois de estarmos do outro lado, em segurança dentro dos limites do Santuário, é que por fim relaxo.

Um pouco.

Olho para trás, como sempre faço, para a multidão reunida para lá da barreira invisível que protege o nosso acampamento. Há dias em que fico aqui a observar os seus rostos, à procura de alguma coisa. Qualquer coisa. Uma ameaça ainda desconhecida, sem nome.

— Ei... que fixe — diz o Winston, com a sua voz inesperada, tirando-me do meu devaneio.

Viro-me para olhar para ele, descobrindo-o suado e sem fôlego quando ele se aproxima de nós.

— Ainda bem que vocês voltaram — diz ele, ainda ofegante.

— Algum de vocês sabe alguma coisa sobre como arranjar canos? Temos meio que um problema de esgotos numa das tendas, e temos de nos empenhar todos.

O nosso regresso à realidade é rápido. E humilhante.

Mas a Ella dá um passo em frente, já a agarrar a — meu Deus, está molhada? — chave inglesa na mão do Winston, e eu quase não consigo acreditar. Levo um braço à volta da cintura dela, puxando-a para trás.

— Por favor, amor. Hoje não. Noutro dia qualquer, talvez. Mas hoje, não.

— O quê? — Ela olha para trás. — Porque não? Eu sou muito boa com uma chave inglesa. Já agora — diz ela, virando-se para os outros —, sabiam que o Ian é secretamente muito bom a trabalhar com madeira?

O Winston ri-se.

— Só era um segredo para ti, princesa — diz o Kenji.  
Ela franze o sobrolho.

— Bem, no outro dia estávamos a arranjar um dos edifícios mais seguros e ele ensinou-me a usar tudo o que tinha na caixa de ferramentas. Ajudei-o a construir uma parede — diz ela, radiante.

— É uma justificação estranha para passares as horas antes do teu casamento a tirar fezes de uma sanita. — O Kent aproxima-se de nós. Está a rir-se.

*O meu irmão.*

Que estranho.

Ele é uma versão mais feliz e saudável de si próprio do que alguma vez vi. Demorou uma semana a recuperar depois de o termos trazido para cá, mas quando recuperou a consciência e lhe contámos o que tinha acontecido — e lhe garantimos que o James estava bem — desmaiou.

E não acordou durante mais dois dias.

Tornou-se uma pessoa completamente diferente nos dias que se seguiram. Praticamente jubiloso. Feliz por toda a gente. Uma escravidão ainda se agarra a todos nós — provavelmente irá agarrar-se para sempre...

Mas o Adam parece inegavelmente mudado.

— Só vos queria avisar — diz ele —, que estamos a fazer uma coisa nova. A Nouria quer que eu vá lá fora e faça uma desativação geral antes de alguém entrar ou sair do recinto. Só por precaução. — Ele olha para a Ella. — Juliette, está tudo bem por ti?

*Juliette.*

Tantas coisas mudaram quando voltámos para casa e esta foi uma delas. Ela recuperou o seu nome. Reclamou-o. Disse que, ao apagar o *Juliette* da sua vida, temia estar a dar ao fantasma do meu pai demasiado poder sobre ela. Percebeu que não queria esquecer os seus anos como Juliette — ou diminuir a jovem mulher que era, lutando contra todas as probabilidades para sobreviver. A Juliette Ferrars é quem ela era quando foi dada a conhecer ao mundo e ela quer que continue assim.

Agora, só eu a posso chamar de Ella.

É só para nós. Uma ligação à nossa história partilhada, um aceno ao nosso passado, ao amor que sempre senti por ela, independentemente do seu nome.

Observo-a enquanto se ri com os amigos, enquanto tira um martelo do cinto de ferramentas do Winston e finge bater no Kenji com ele — sem dúvida, por algo que ele merece. A Lily e a Nazeera aparecem do nada, a Lily carregando um cão minúsculo que ela e o Ian salvaram de um prédio abandonado ali perto. A Ella deixa cair o martelo com um grito súbito e o Adam salta para trás, alarmado. Ela pega na criatura suja e imunda nos braços, sufocando-a com beijos, mesmo quando ela ladra com uma ferocidade selvagem. E depois vira-se para mim, com o animal ainda a ladrar-lhe ao ouvido, e apercebo-me de que tem lágrimas nos olhos. Ela está a chorar por causa de um cão.

A Juliette Ferrars, uma das heroínas mais temidas e mais elogiadas do nosso mundo, está a chorar por causa de um cão. Talvez mais ninguém comprehenda, mas eu sei que esta é a primeira vez que ela pega num. Sem hesitação, sem medo, sem perigo de causar qualquer dano a uma criatura inocente. Para ela, isto é alegria verdadeira.

Para o mundo, ela é formidável. Para mim?

Ela é o mundo.

Por isso, quando ela deposita a criatura para os meus braços relutantes, seguro-a com firmeza, sem me queixar quando a besta me lambe a cara com a mesma língua que usa, sem dúvida, para limpar o rabo. Mantenho-me firme, sem trair nada, mesmo quando a baba quente me escorre pelo pescoço. Mantenho-me imóvel quando crava as patas sujas no meu casaco, com as unhas a agarrar a lã. Estou tão quieto, na verdade, que a criatura acaba por se acalmar, acomodando os membros ansiosos contra o meu peito. Geme enquanto me olha, geme até que eu por fim levanto uma mão, arrasto-a sobre a sua cabeça.

Quando a ouço a rir, fico feliz.

**PARA O MUNDO INTEIRO,  
ELA É INCRÍVEL.**

**PARA MIM, ELA É  
O MUNDO INTEIRO.**

Juliette e Warner lutaram arduamente para destruir o Restabelecimento de uma vez por todas, mas a vida deles continua a não ser fácil.

Warner está ansioso para finalmente viver uma vida normal, com o amor da sua vida ao seu lado. No entanto, no meio de todo o caos, isso parece praticamente impossível.

O futuro de Warner e Juliette está ao alcance das mãos, mas o mundo continua a tentar separá-los. Será que eles poderão finalmente ser felizes, oficialmente, juntos?



**Neste epílogo da série devastadoramente romântica *Shatter Me*, o futuro de felicidade de Warner e Juliette parece, ao mesmo tempo, impossível e inadiável.**



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

seekthebutterfly.pt  
@secretsocietypt  
#seekthebutterfly

ISBN: 978-989-589-473-4



9 78989 5894734